

**LIBERDADE PARA QUÊ? A DUPLA DIMENSÃO DA IDEIA DE LIBERDADE NA  
CONSTRUÇÃO DA TEORIA DO (SUB)DESENVOLVIMENTO EM CELSO FURTADO**

Carlos Alves do Nascimento<sup>1</sup>  
Soraia Aparecida Cardozo<sup>2</sup>  
Alanna Santos de Oliveira<sup>3</sup>

**Área 2. HISTÓRIA DO PENSAMENTO ECONÔMICO**

**Resumo**

O profícuo legado intelectual de Celso Furtado continua se desdobrando em diversos estudos e análises, especialmente ligados à reflexão e interpretação de sua teoria do desenvolvimento e subdesenvolvimento. Este trabalho constitui mais uma contribuição nesse sentido, apresentando, porém, uma hipótese inovadora acerca da teorização desses fenômenos pelo autor: a de que além de apresentar uma revisão crítica da noção corrente de desenvolvimento, a partir de certo marco temporal, Furtado vai além da proposição de superação do subdesenvolvimento, chamando à tarefa de elaboração de um novo tipo de desenvolvimento, sustentado por um viés bidimensional de liberdade. Ao dar esse passo adiante, não poderia, Furtado, ser considerado reformista. Para demonstrar a validade desse argumento, foram escolhidas três obras (FURTADO, 1961; 1974; 1978) para uma análise que desvela: a evolução da percepção dos fenômenos do desenvolvimento e subdesenvolvimento; o momento em que ele passa a vislumbrar a necessidade de, além de superar o subdesenvolvimento, criar um novo modelo de sociedade; e o modo como o conceito de liberdade se torna chave para apreensão dessa mudança analítica – à medida que essa seria uma condição básica para superação das amarras presentes do subdesenvolvimento, no quadro típico de acumulação capitalista, e, ao mesmo tempo, o instrumento maior para construção do novo *porvir*. Mostramos como seu instrumental analítico pode ser apreendido, a partir da obra de 1978, nas demais produções que se seguem, mantendo determinada forma e coerência na apresentação de seu raciocínio, e reforçando a continuidade dessa nova perspectiva adotada com respeito ao tema.

**Palavras-chave:** Celso Furtado, Subdesenvolvimento, Desenvolvimento, Liberdade.

***FREEDOM FOR WHAT? THE DOUBLE DIMENSION OF THE IDEA OF FREEDOM IN  
THE CONSTRUCTION OF (UNDER)DEVELOPMENT THEORY IN CELSO FURTADO***

**Abstract**

Celso Furtado's valuable intellectual legacy continues to spread into various studies and analyses, especially linked to the reflection and interpretation of his theory of development and underdevelopment. This work constitutes another contribution in this sense, presenting, however, a

---

<sup>1</sup> Professor Titular do Instituto de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia. [carlos.nascimento@ufu.br](mailto:carlos.nascimento@ufu.br)

<sup>2</sup> Professora Associada do Instituto de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia. [soraia.cardozo@ufu.br](mailto:soraia.cardozo@ufu.br)

<sup>3</sup> Economista-Pesquisadora do Centro de Estudos e Pesquisas Econômico-Sociais – CEPES, do Instituto de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia. [alannacepes@gmail.com](mailto:alannacepes@gmail.com)

innovative hypothesis regarding the author's theorization of these phenomena: in addition to presenting a critical review of the current notion of development, from a certain moment on, Furtado goes beyond the proposition of overcoming underdevelopment, calling for the duty of creating a new type of development, sustained by his two-dimensional bias of freedom. Therefore, by taking this step forward, Furtado could not be considered a reformist. To demonstrate the validity of this argument, three books (FURTADO, 1961; 1974; 1978) were chosen for an analysis that reveals: the evolution of his perception of the phenomena of development and underdevelopment; the moment in which he begins to see the need to, in addition to overcoming underdevelopment, create a new model of society; and the way in which the concept of freedom becomes a true key to understand this analytical change – once freedom would be a basic condition for overcoming the current constraints of underdevelopment, and, at the same time, the greatest instrument for construction of the new future. We show how his analytical tools can then be apprehended from 1978 on, in the other productions that follow, maintaining a certain form and coherence in the presentation of his thought, and reinforcing the continuity of this new perspective adopted with respect to the considered topic.

**Key-words:** Celso Furtado; Underdevelopment; Development; Freedom.

### 1. Introdução

Muito já se tem escrito sobre a vasta obra de Celso Furtado. O presente texto é mais uma tentativa de contribuir com as interpretações correntes dessa instigante e fecunda obra. Com esse propósito, iniciamos com as seguintes indagações: em sua obra, Furtado tinha como objetivo último construir e aperfeiçoar uma teoria do subdesenvolvimento com o intuito de melhor entender esse fenômeno e superá-lo? Ao mesmo tempo, porém, ele deve ser considerado reformista?

Orientados por estas indagações, objetiva-se demonstrar que Furtado, além de ocupar-se com o aprofundamento do conhecimento das particularidades do subdesenvolvimento e de elaboração de possíveis caminhos para sua superação, a partir de um determinado momento do aprimoramento da sua obra teórica, deu um passo à frente daquele propósito, explicitando que o mesmo não lhe bastava mais. E, ao dar esse passo a mais, Furtado não pode ser, na nossa compreensão, considerado reformista. É o que buscaremos demonstrar.

Desde 1961, em seu clássico livro *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento*, Celso Furtado apresenta de forma mais organizada uma elaboração da compreensão da formação, da gênese global das economias (e estruturas) desenvolvidas e subdesenvolvidas. De uma forma ou de outra, essa sua compreensão da configuração do sistema econômico mundial o acompanhará – e se fará presente em várias de suas obras – até o final de sua vida.

Porém, será somente a partir do início da década de 1970 (precisamente, em seu livro de 1974), que Furtado passa a cogitar a hipótese de que o subdesenvolvimento seria a contraface *necessária* do desenvolvimento do capitalismo industrial central. Em virtude de tal hipótese (e do novo contexto

## XXIX ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA

econômico mundial pós-1970), Furtado, ao mesmo tempo em que busca refletir sobre os caminhos para a superação do subdesenvolvimento, passa a elaborar também críticas à sociedade capitalista (fundada na lógica da acumulação material orientada pela racionalidade instrumental, que subordina *fins a meios*). E o que nos desperta a atenção é que a forma de expor essa crítica passa a ser estruturada, a partir de 1978, com um certo padrão de organização das partes de cada uma (ou da maioria) de suas obras posteriores (notadamente das obras de cunho predominantemente voltado à reflexão do desenvolvimento).

Em 1974, em *O Mito do Desenvolvimento*, Furtado já advertia que o desenvolvimento tal qual ocorria nos países centrais de forma alguma seria reproduzível nos demais países (periféricos). Da forma como escreve nesse livro, Furtado também aponta para a insustentabilidade desse modelo de desenvolvimento – depredador de recursos naturais não renováveis –, até mesmo se o mesmo ficar restrito ao centro do sistema (e a frações sociais na periferia). Nesse sentido, ele começa a sugerir a ideia de um novo (*verdadeiro*, em suas palavras) desenvolvimento. Porém, a partir de 1978, Furtado começa a refletir que o problema de fundo consiste não apenas no limite imposto pelos recursos naturais não renováveis, mas também e no mesmo grau de importância (ou mais ainda) na *desumanização* (coisificação) das relações humanas e do estreitamento (também desumanização) das potencialidades criadoras humanas.

Em *Criatividade e Dependência na civilização industrial (1978)*, além de apontar os enormes desafios para os países periféricos libertarem-se da dependência e do subdesenvolvimento, Furtado questiona sobre o significado dessa libertação: “libertar-se para quê?” Para reproduzir um modelo materialmente insustentável e, acima de tudo, desumano? Nesse livro, Furtado elabora uma longa e profunda defesa das *potencialidades* humanas (reprimidas pela civilização industrial), que devem ser livres para construir o que ele passou a considerar como um *verdadeiro desenvolvimento*, não apenas sustentável do ponto de vista ambiental, mas, sobretudo, que tenha como fim último, não a acumulação material, mas o ser humano em sua plenitude.

Neste artigo, queremos chamar atenção para a importância central desse livro de 1978 para a compreensão do pensamento de Furtado a partir dessa data. No nosso entendimento, e para o propósito do artigo, esse livro de 1978 é nodal na evolução do pensamento desse autor, ou seja, é ponto de chegada após vários anos de reflexão sobre o desenvolvimento e o subdesenvolvimento, e, ao mesmo tempo, ponto de partida, basilar, norteador das reflexões seguintes até o final de sua memorável vida.

Esse livro de 1978, além de expor o aprofundamento da compreensão de Furtado acerca da constituição da economia mundial dominada pela lógica da civilização industrial, inaugura uma nova reflexão, sobre os limites dessa mesma civilização. Com aquele aprofundamento, consolidar-se-á sua convicção da necessidade de superação do subdesenvolvimento. Por outro lado, Furtado demonstra

convicção que tal superação não é suficiente para que haja um verdadeiro desenvolvimento. Nesse ponto é que se percebe o início de uma nova reflexão que apontará para os limites incontornáveis da civilização industrial e exigirá também, inarredavelmente, a superação desta, apontando (positivamente) para a construção de algo novo, alternativo.

Para demonstrarmos essa mudança no pensamento de nosso autor, faz-se necessário retomarmos brevemente algumas de suas reflexões anteriores a 1978. Destacaremos, para nosso propósito, tão somente (mas importantes para nosso argumento) alguns detalhes dos livros de 1961 (*Desenvolvimento e subdesenvolvimento*) e 1974 (*O mito do desenvolvimento*). É o que faremos a seguir.

Antes, porém, registramos que o artigo está estruturado, para além desta introdução, em mais três partes e as considerações finais. Na primeira e na segunda, recuperamos algumas reflexões presentes nos livros de 1961 e 1974, necessárias para nosso argumento posterior. Na terceira parte se encontra o centro da discussão que estamos querendo suscitar a partir de nossa leitura da obra de 1978 que marca, a nosso ver, uma mudança qualitativa nas fecundas reflexões de Furtado. Por fim, apresentaremos as considerações finais.

### 2. Desenvolvimento e subdesenvolvimento (1961)

Nesse livro de 1961, Furtado começa a delinear a construção de sua concepção acerca da gênese do sistema econômico mundial que se estruturou a partir da erupção da Revolução Industrial (final do século XVIII). Nessa obra o autor destaca aspectos importantes dos processos históricos (decorrentes da revolução industrial) da formação do que ele chama de estruturas desenvolvidas e estruturas subdesenvolvidas.

No que respeita à gênese das estruturas desenvolvidas, Furtado observa a formação de um núcleo industrial *originário* (NIO), que se estruturou sobre a criação e construção de um setor de produção de bens de capital, imprescindível para a consolidação do poder desse núcleo. Escapa ao propósito deste artigo explicar detalhes desse processo. O que nos importa destacar é que Furtado, já nesse livro de 1961, esboça<sup>4</sup> o processo de conformação da estrutura da economia mundial a partir da expansão, no século XIX, desse NIO.

Furtado, observa que essa expansão se fez em três direções gerais. Uma delas, resultou na congregação de um círculo limitado de países que se industrializaram ao longo do século XIX, dentro da própria Europa, ampliando o número de componentes do “NIO”.<sup>5</sup> Uma segunda direção da

---

<sup>4</sup> Um *esboço* que será tratado com maior aprofundamento no livro de 1978. Em 1974 Furtado retomou esse esboço, mas sem aprofundamento, apenas com algumas informações complementares importantes.

<sup>5</sup> Em seu livro de 1974 Furtado os chamará por “*clube* das economias desenvolvidas”.

## XXIX ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA

expansão desse núcleo (agora ampliado) consistiu “num deslocamento para além de suas fronteiras, onde quer que houvesse terras ainda desocupadas e de características similares às da própria Europa... [sendo que] as economias australiana, canadense ou estadunidense nessa fase eram simples prolongamentos da economia industrial européia” (Furtado, 1961, p. 179). A terceira direção da expansão do grupo de economias européias componentes do NIO orientou-se para regiões do globo já ocupadas (antigas colonizações ou não) criando, ao entrar em contato com as estruturas arcaicas existentes, estruturas híbridas, características próprias do que se convencionou denominar de subdesenvolvimento.

Além dessa breve síntese do processo histórico de configuração do sistema econômico mundial capitaneado pela expansão do *club* dos países centrais, interessa nesse ponto destacar que coube a esse restrito grupo de países a capacidade de formar um sistema industrial nacional em torno de um setor produtor de bens de capital e, subsequentemente, dominar a característica que Furtado considera como *a mais* fundamental na demarcação da linha divisória entre desenvolvimento e subdesenvolvimento, isto é, a articulação íntima entre acumulação de capital e a capacidade endógena de desenvolvimento de ciência experimental (base das inovações).<sup>6</sup> Desenvolver ciência experimental não é barato, portanto, necessita de um forte processo de acumulação de capital para possibilitar o recurso necessário para tal propósito. Por outro lado, as inovações decorrentes do avanço com a ciência experimental impulsionarão ainda mais a acumulação de capital.

Outro aspecto desse processo histórico de formação do sistema econômico mundial que interessa sublinhar é o sentido que podemos atribuir ao termo *originário* do NIO ampliado (*club* dos países industrializados avançados). Aqui, o sentido de originário não é o de algo semelhante a, por exemplo, ‘pioneiro’, que se encontra no início de algum processo no passado. O sentido que atribuímos a originário se refere à capacidade exclusiva desse grupo restrito de países de permanecerem *originando* (gerando, criando) as posteriores revoluções tecnológicas. E continuamente se expandindo para o restante do planeta, permanentemente condicionando e reproduzindo as estruturas subdesenvolvidas da periferia do sistema. Permanecendo, a periferia, com rígidas limitações para também ser capaz de originar (gerar) tecnologias. Nos demais livros citados mais adiante, Furtado é mais explícito ao expor a dinâmica desse processo, sem, no entanto, continuar usando esse termo, mas sem escapar a esse sentido que lhe atribuímos.

### 3. O mito do desenvolvimento (1974)

---

<sup>6</sup> “Entre os processos econômicos e a ciência experimental surge uma articulação íntima que constituirá a característica *mais* fundamental da civilização contemporânea.” (Furtado, 1961, p. 167; itálico nosso)

## XXIX ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA

Mais de uma década havia se passado da publicação do livro de 1961, quando em 1974 Furtado publica *O mito do desenvolvimento econômico*. Neste livro Furtado chama atenção de seus leitores acerca do seu *método* de análise do desenvolvimento e do subdesenvolvimento.

Furtado inicia esse livro analisando o estudo *The limits to growth*,<sup>7</sup> que profetiza o colapso do sistema econômico mundial caso o estilo de vida dos países avançados se generalize para o restante do planeta. Furtado discorda da validade dessa profecia, observando que ela se baseia no explícito desconhecimento do fenômeno do subdesenvolvimento. Ou seja, com base em seu método de análise, Furtado deixa claro que esse fenômeno não pode ser confundido com uma etapa que em algum momento linear no tempo seria ultrapassada por outra (a do consumo de massa, motivo do alerta da profecia). Pelo contrário, o subdesenvolvimento é um fenômeno permanentemente produzido e reproduzido pelo contato contínuo com aquele clube de países centrais que incessantemente ‘origina’ inovações tecnológicas e as irradia, sob seu controle, para a periferia reproduzindo as estruturas, econômicas e sociais, subdesenvolvidas. Ao mesmo tempo, o subdesenvolvimento, por sua própria condição estrutural, submete a maioria de sua população ao não acesso aos bens materiais e ao estilo de vida das minorias abastadas.

Para demonstrar esse processo, Furtado retoma sua visão de como se formou e evoluiu o sistema econômico mundial. À semelhança da sua análise histórico-estrutural apresentada no livro de 1961 sobre esse mesmo processo, Furtado menciona a formação, de um lado, do “clube das economias desenvolvidas” (Furtado, 1983 [1974], p. 23) que estruturaram sistemas econômicos nacionais com dinâmica própria, autodeterminados, e, de outro, economias com subsistemas econômicos *dependentes* e complementares ao sistema econômico internacional – o caso específico das economias subdesenvolvidas.

Furtado compreende a dinâmica do sistema econômico mundial articulado entre o desenvolvimento (representado por aquele clube de países, o NIO ampliado, conforme mencionado anteriormente) e o subdesenvolvimento (representado pelos subsistemas econômicos dependentes).<sup>8</sup> Nesse sistema ocorre contínua propagação das tecnologias, sob controle daquele *club*, em direção para a periferia, criando e recriando o subdesenvolvimento, mantendo a maioria da sua população em condições precárias de vida. Nessa perspectiva, Furtado afirma que, do ponto de vista da periferia, o desenvolvimento é um mito irrealizável. Não apenas, portanto, pela razão da crise ambiental que se anunciava (insuficiência de recursos naturais não-renováveis), mas também, sobretudo, pela razão da especificidade do subdesenvolvimento, que tende a manter a massa da população à margem do acesso aos padrões de consumo sofisticado e diversificado dos países centrais.

---

<sup>7</sup> Meadows *et al.* (1972).

<sup>8</sup> Furtado desenvolve neste livro de 1974 conceitos de dependência, modernização e a diferença entre desenvolvimento e crescimento econômico, que não vem ao caso aqui apreciá-los.

## XXIX ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA

Ambas as razões (ambiental e especificidade do subdesenvolvimento) são muito complexas e de difícil resolução. Porém, mesmo que viesse a ser possível conseguir contornar ou resolver a primeira delas, a segunda parece ser mais complicada. Para dar uma ideia do grau dessa complicação, vale sublinhar que no final do capítulo 2 desse livro de 1974, Furtado chega a cogitar uma hipótese surpreendente. Lembrando que em 1961 Furtado já havia demonstrado que o capitalismo industrial se difunde pelo mundo criando e recriando o subdesenvolvimento, e isso implica que, conforme afirma agora em 1974, é por intermédio do subdesenvolvimento que

“o capitalismo tem conseguido difundir-se em amplas áreas do mundo sem comprometer as estruturas sociais pré-existentes nessas áreas. O seu papel [do subdesenvolvimento] na construção do presente sistema capitalista mundial tem sido fundamental” (Furtado, 1983 [1974], p. 94).

E arremata, com a referida hipótese:

É mesmo possível que ele [subdesenvolvimento] seja inerente ao sistema capitalista; isto é, que não possa haver capitalismo sem as relações assimétricas entre sub-sistemas econômicos e as formas de exploração social que estão na base do subdesenvolvimento. Mas não temos a pretensão de poder demonstrar esta última hipótese (Furtado, 1983 [1974], p. 94).

Ou seja, do ponto de vista da periferia, já nesse livro de 1974 Furtado afirma que a ideia de desenvolvimento é uma mera retórica utilizada para manter os subdesenvolvidos nessa mesma condição.<sup>9</sup> Aqui, a ideia de desenvolvimento, para Furtado, é “seguramente um dos pilares da doutrina que serve de cobertura à dominação dos povos dos países periféricos dentro da nova estrutura do sistema capitalista” (Furtado, 1983 [1974], p. 76).

Sob essa perspectiva, no nosso entendimento, para Furtado, mesmo que fosse possível resolver o problema da preservação do patrimônio natural da Terra (recursos não-renováveis), ainda assim estaria posto o problema do limite ao desenvolvimento na periferia de um mundo estruturado de acordo com a forma de difusão planetária do capitalismo industrial. Porém, mais do que isso, Furtado elevará sua compreensão de modo a enxergar que o problema último a ser resolvido, em termos de um *verdadeiro* desenvolvimento, não se conclui com a superação do subdesenvolvimento. Há um passo a mais – e particularmente fundamental – a ser dado, tanto no que diz respeito aos limites impostos pelos recursos naturais não-renováveis, quanto pela engrenagem de uma civilização planetária que tende a reproduzir permanentemente uma minoria rica, de um lado, e uma imensa maioria com baixíssima capacidade de consumo, de outro. Em 1974, a necessidade desse novo passo para um *verdadeiro* desenvolvimento – que necessariamente deve suplantiar os marcos da civilização

---

<sup>9</sup> “Mas, como negar que essa ideia tem sido de grande utilidade para mobilizar os povos da periferia e levá-los a enormes sacrifícios, para legitimar a destruição de formas de cultura *arcaicas*, para *explicar e fazer compreender* a *necessidade* de destruir o meio físico, para justificar formas de dependência que reforçam o caráter predatório do sistema produtivo? Cabe, portanto, afirmar que a ideia de desenvolvimento econômico é um simples mito. Graças a ela tem sido possível desviar as atenções da tarefa básica de identificação das necessidades fundamentais da coletividade e das possibilidades que abre ao homem o avanço da ciência” (Furtado, 1983 [1974], p. 75-76; *itálicos no original*).

industrial – já se explicita no horizonte teórico de Furtado. Mas será na sua obra de 1978 que ele irá mais a fundo nessa questão ao perscrutar com mais precisão as raízes históricas da civilização industrial, identificando os elementos fundamentais que a movem e a reproduzem em escala planetária (em todas as esferas sociais) e, com isso, elevará o nível da reflexão sobre os reais impasses que estão postos à *humanidade* em sua busca essencial por *liberdade*.

#### 4. Criatividade e Dependência na civilização industrial (1978)

Mesmo tendo cogitado, em 1974, a hipótese da necessidade do subdesenvolvimento para a sustentação do capitalismo, Furtado continuará tentando indicar caminhos para a superação do subdesenvolvimento. Tendo essa hipótese em mente e observando o avanço progressivo do processo de transnacionalização de capital, enfraquecendo os centros internos de decisão dos Estados Nacionais, Furtado realiza uma análise histórico-econômica mais profunda acerca da “emergência e difusão da civilização industrial” cabendo dois capítulos com esse mesmo título no livro de 1978.

Comentamos na introdução, que o livro de 1978 é ponto de chegada e de partida. Como podemos ver, é ponto de chegada porque de 1961 a 1978, quase vinte anos, muitas mudanças ocorreram e Furtado foi se dando conta de que as razões para seu otimismo quanto às possibilidades dos Estados Nacionais atingirem o ‘modelo’ por ele idealizado<sup>10</sup> de desenvolvimento (dinamizado pela dialética inovação-difusão)<sup>11</sup> estava cada vez mais inviabilizado pelas transformações na economia mundial pós-Bretton Woods. Entende-se porque, no meio desse percurso, ele cogitou aquela hipótese da necessidade intrínseca do subdesenvolvimento para viabilizar a reprodução do capitalismo.

Por estas e outras razões, o livro de 1978 marcará – por isso será também um ponto de partida – uma certa mudança na forma de pensar o desenvolvimento e o subdesenvolvimento no âmbito da civilização industrial. Nessa obra, Furtado desenvolve uma crítica radical aos fundamentos da civilização industrial. Ele demonstra que a maneira como essa civilização se constituiu enveredou na direção do requerimento cada vez mais profundo de *criatividade* no sentido de elevar ao máximo a produtividade do trabalho, em todas as esferas da vida social. Acontece, porém, que o sentido último desse específico processo criativo consiste em potencializar a acumulação de capital. Portanto, o tipo de criatividade inerente é permanentemente circunscrito àquela finalidade, o que significa dizer que todas as demais dimensões criativas humanas ou serão esvaziadas ou direcionadas (metamorfoseadas) para sustentar aquela dinâmica. Tomando por base o aporte da ciência antropológica e filosófica,

---

<sup>10</sup> De conotação tipicamente weberiana.

<sup>11</sup> Vide *Dialética do desenvolvimento* (1964) e *Introdução ao desenvolvimento – enfoque histórico estrutural* (2000).

## XXIX ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA

Furtado parte do pressuposto de que o ser humano é naturalmente criativo, inventivo em amplas dimensões. Portanto, a lógica criativa própria da (dominante na) civilização industrial por tender a ser unidimensional, torna-se, para o autor, *desumanizante*.<sup>12</sup>

Ou seja, um tipo de civilização que *desumaniza* o ser humano de diferentes formas. Vejamos um pouco dos vários exemplos apresentados pelo autor:

- 1) “Acumular, ampliar o excedente vieram a constituir objetivos em si mesmos, considerando-se como ‘racional’ a *eliminação de todo obstáculo* à eficiência produtiva.” (Furtado, 1978, p. 38; itálico nosso) Um desses ‘obstáculos’ (a ser eliminado) pode vir a ser o próprio ser humano, considerado nessa civilização apenas como (reduzido a) força de trabalho (mero fator de produção);
- 2) Uma civilização cuja ‘*elevação do nível de vida*’ é sinônimo de “aumento nos gastos de consumo e diversificação deste (...) Mas não se deve perder de vista que essa evolução do consumo é um subproduto do processo de reprodução das desigualdades sociais e **exclui outras formas de elevação do nível de vida**, concebíveis em função de outros projetos de transformação social.” (Furtado, 1978, p. 58; itálico no original e negrito nosso)
- 3) “A população passa a ser vista pelos agentes do processo de industrialização como uma massa de ‘recursos produtivos’ enquadrados nas leis dos mercados.” (Furtado, 1978, p. 79) Ou seja, a visão de ser humano na civilização industrial resume-se a, de um lado, “fator de produção” e, de outro, “consumidor”, mas não como seres com potenciais criativos amplos.

Além dessas várias formas de atrofia das potencialidades inerentes ao ser humano, a civilização industrial conformou, sob a lógica da acumulação, um mundo dividido entre desenvolvidos (criativos) e subdesenvolvidos (dependentes). Nesta obra, Furtado apresenta pela primeira vez um quadro geoeconômico-político extremamente complexo em que se encontram os vários países subdesenvolvidos. Furtado esboça diagnósticos e estratégias a serem seguidas para a tarefa hercúlea de tentativa de liberação das amarras do subdesenvolvimento.

Com efeito, Furtado, nesta obra de 1978, ocupa-se em aprofundar sua compreensão das raízes da civilização industrial – que fizeram emergir e disseminar o domínio quase absoluto da racionalidade instrumental –, dos processos históricos da sua difusão planetária – constituindo o

---

<sup>12</sup> “A partir deste ponto de observação não é difícil compreender que, se a acumulação se transforma em um fim em si mesma (quando passa a constituir a base do sistema de dominação social), o processo de criação de novas relações sociais transforma-se em simples meio para alcançá-la. A inexorabilidade do *progresso* levando à **desumanização** do indivíduo na civilização industrial é **um desdobramento** desse processo histórico.” (Furtado, 1978, p. 48; itálico no original e negrito nosso). Em outro momento do livro, Furtado reafirma: “...as forças que em nossa civilização engendram a difusão da racionalidade [instrumental] conduzem concomitantemente à destruição da capacidade criadora do homem, à sua *desumanização*.” (Furtado, 1978, p. 162; sublinhado nosso e itálico no original)

## XXIX ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA

subdesenvolvimento em várias partes do mundo –, assim como também expor o quadro extremamente complexo e difícil para a superação da dependência e do subdesenvolvimento – superação que ele denomina como *liberdade*.

No capítulo 6 do livro de 1978, Furtado expõe – entre outras reflexões – o elevado grau de complexidade envolvida na tarefa da liberação (libertação) da dependência e do subdesenvolvimento, uma vez que (para o que nos interessa destacar): i) os países periféricos são alijados do controle do ‘recurso de poder’ mais nobre (a tecnologia, monopolizada pelo *club* dos países centrais); e ii) é ilusão pretender libertar-se da dependência isoladamente, autonomamente, sem se coligar a outros países que também estejam no esforço de romper as amarras externas da dependência.

Em seu livro de 1974, como já havíamos destacado, Furtado cogitou a hipótese do subdesenvolvimento ser uma peça necessária na engrenagem do capitalismo mundial. Agora, em seu texto de 1978, ele faz uma longa reflexão – muito sintetizada no parágrafo acima – sobre a extrema complexidade e dificuldade posta por tal engrenagem para ser superada. Por outro lado, a despeito disso, ele não abre mão de pensar possibilidades para essa superação/liberação. Contudo, segundo o nosso entendimento, o ponto alto da reflexão do nosso autor nesse texto de 1978 ultrapassa essa discussão. Furtado, a partir desse texto, passa a pensar também a superação da lógica que sustenta e move a própria civilização industrial, de modo que ele concluirá o capítulo 6 afirmando que a superação da dependência/subdesenvolvimento não é o último passo, falta outro. Sem esse outro passo – como será exposto mais adiante – não haverá um verdadeiro desenvolvimento.<sup>13</sup>

Porém, o grande problema – demasiadamente desafiador, para dar esse outro passo – parece ser necessário dar o passo anterior, de extrema dificuldade, como ressaltado anteriormente. Nas palavras de Furtado (entrecortadas por nossas ponderações interpretativas), a expressão dessa compreensão do problema:

*Somente de posições mais avançadas e sólidas [superação ou minimização da dependência?] será possível visar a objetivos mais ambiciosos [ou seja, não se contentar em “apenas” superar a dependência], como o de instilar uma nova lógica dos fins [buscar construir ‘um novo modelo’, uma ‘mudança de rota’] no processo de acumulação: de resgatar a criatividade [a humanidade!] da tutela que sobre ela exerce atualmente a racionalidade instrumental (Furtado, 1978, p. 124; itálicos nossos).*

Ou seja, parece que Furtado está afirmando que para ocorrer o segundo passo, pressupõe-se o passo anterior que significa reunião de forças (econômicas, financeiras, tecnológicas, recursos naturais, etc.) para pelo menos mitigar a dependência – que pressupõe, como destacado anteriormente, a coligação com outros países dependentes.

---

<sup>13</sup> Furtado já havia demonstrado ao longo do livro de 1978, até esse capítulo 6, reforçando essa afirmação da necessidade de um outro passo a mais, que, por exemplo, mesmo as experiências socialistas que implantaram sistemas mais socialmente igualitários, permaneceram submetidos ao campo gravitacional da civilização industrial mundial. Ou seja, sem alcançar um verdadeiro desenvolvimento, de modo que, para Furtado, assim estamos entendendo, verdadeiro desenvolvimento não é sinônimo de experiência socialista.

## XXIX ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA

Reforçando essa afirmação inovadora em seu pensamento, Furtado arremata (1978, p. 125; *italico nosso*): “(...) Contudo, não se deve perder de vista que a luta contra a dependência não é senão *um aspecto* do processo de desenvolvimento, e este não existe sem a liberação da capacidade criadora de um povo”. Porém, consideramos que *desenvolvimento* aqui pode ser entendido de duas formas. Uma, desenvolvimento na lógica da civilização industrial, que para alcançá-lo já se pressupõe liberação de certas potencialidades criativas de um povo, tolhidas pelas estruturas dependentes. E, a segunda forma, que Furtado denomina de *verdadeiro* desenvolvimento, requer o passo seguinte, que pressupõe também um outro tipo de liberação criativa – *libertar a criatividade* humana, em seu sentido mais amplo, da submissão à racionalidade instrumental própria (basilar) da civilização industrial. Como mostraremos adiante, essa nova reflexão será lapidada na parte final do livro, na qual Furtado se apoiará em argumentos essencialmente filosóficos. O cerne desses argumentos repousará na relação íntima entre *liberdade* e *criatividade*.

No final do livro, Furtado capta de Nietzsche a percepção da existência dessa relação íntima entre as ideias de *liberdade* e de *criatividade*, a partir da qual funda-se, para esse filósofo, a concepção de ‘verdadeiramente humano’, ou seja, a “condição superior do homem como criador, [como aquele que tem] responsabilidade diante da própria obra” (Furtado, 1978, p. 163).

Nos comentários relativos ao capítulo 6, havíamos destacado que Furtado ocupou-se em pensar a respeito da liberação da dependência/subdesenvolvimento. Agora, no último capítulo do livro, sob a luz de Nietzsche, Furtado pensará a ideia de liberdade articulada com a ideia de criatividade. A observação que ele faz é especialmente importante:

A ideia de liberdade, neste contexto, adquire dimensões inusitadas. À concepção tradicional, essencialmente negativa – liberar-se daquilo que nos constrange, romper com o estabelecido – ele [Nietzsche] substitui uma positiva: a criatividade. Assim Zaratustra interpela os que se apressam em romper as próprias cadeias: *liberdade para quê?* (Furtado, 1978, p. 163; *italico nosso*).

*Liberdade para quê?* Essa interpelação sobressai no texto de 1978 mais de uma vez, com o mesmo sentido. Uma indagação que objetiva eliminar a ilusão de manter-se (continuidade) numa civilização que caminha, por sua própria lógica de funcionamento, para um abismo.<sup>14</sup> Liberar-se da dependência apenas num sentido negativo – rejeitando-a, suplantando-a, sobrepujando-a – sem atribuir também sentido positivo – da liberação da criatividade humana em todas as suas dimensões (em direção a um novo tipo de desenvolvimento) –, pode conduzir àquele desfecho fatal. Portanto, nos livros de Furtado aqui selecionados, a partir de 1978, encontra-se no centro da discussão a ideia de um verdadeiro desenvolvimento (ainda em devir) com o sentido irremediável de dar resposta positiva àquela provocadora interpelação.

---

<sup>14</sup> Uma ilusão que afasta “o homem da confrontação consigo mesmo” (Furtado, 1978, p. 163) enquanto aquele que tem “responsabilidade diante da própria obra” (Furtado, 1978, p. 163).

## XXIX ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA

Nesse momento, consideramos crucial, para o entendimento do que julgamos importante realçar desse livro de Furtado, articular essa última citação que fizemos de Furtado às duas feitas anteriormente. Observe-se que elas sintetizam a ideia central do texto, na medida em que chamam atenção para dois aspectos (dimensões, perspectivas) da ideia de liberação (da dependência e da capacidade criadora de um povo). Quais sejam:

1º) Para superar (ou minimizar) a dependência/subdesenvolvimento em direção ao desenvolvimento, porém, circunscrito à ordem da civilização industrial. Contudo, esse seria um movimento necessário, o primeiro (grande) passo, que também exige liberação da criatividade potencial de um povo, só que *restringida* à lógica da acumulação como um fim em si mesmo;<sup>15</sup>

2º) Para reorientar o curso do desenvolvimento em direção a uma alternativa à lógica interna da civilização industrial. Este seria o segundo passo no processo de *ampla*<sup>16</sup> liberação criativa de um povo e com uma nova *visão de mundo* (cooperativo, humanizador).

Por que esses dois passos?

A princípio, porque a situação de dependência pressupõe barreiras estruturais à ativação das potencialidades criadoras de um povo. Contudo, suplantar tais barreiras e liberar essas potencialidades não significa necessariamente ir além dos *marcos* da civilização industrial.<sup>17</sup> Um exemplo claro disso são os países desenvolvidos que em seus processos histórico-institucionais romperam barreiras similares liberando as potencialidades criadoras de seus povos, porém, para canalizá-las – guiadas unidirecionalmente pelos critérios da racionalidade instrumental – para a finalidade maior da visão de mundo prevalente na civilização industrial: acumular por acumular (o *não* verdadeiro desenvolvimento).

Porém, Furtado se dá conta de que para avançar numa dimensão positiva dessa tarefa de liberação (que nega a dependência), faz-se necessária uma segunda negação, a da própria civilização industrial e de sua subjacente visão de mundo. Portanto, um segundo passo se faz necessário. Deve-

---

<sup>15</sup> Observe-se que na luta para dar o primeiro passo, suplantar ou mitigar o subdesenvolvimento, já há necessidade de liberar energias criativas de um povo, as quais se acham reprimidas por estruturas institucionais anacrônicas. Sobre isso, Furtado adverte para a necessidade de “...modificar estruturas bloqueadoras da dinâmica socioeconômica, tais como o latifundismo, o corporativismo, a canalização inadequada da poupança, o desperdício desta em formas abusivas de consumo e sua drenagem para o exterior. As modificações estruturais deveriam ser vistas como um processo *liberador de energias criativas* (...) O objetivo estratégico seria *remover os entraves à ação criativa do homem*, a qual, nas condições do subdesenvolvimento, está coarctada por anacronismos institucionais e por amarras de dependência externa” (Furtado, 1992, p. 75; 1998, p. 63; *itálicos nossos*). Entretanto, deve-se ter em mente que tal *liberdade de criatividade* poderá ficar completamente submersa na lógica da racionalidade instrumental orientada para a acumulação de capital e ao (*não* verdadeiro) desenvolvimento.

<sup>16</sup> Ampla, no sentido de não restrita à racionalidade instrumental.

<sup>17</sup> Curiosamente, no livro de 1978, Furtado identifica na China (em sua experiência da revolução cultural) o *único* exemplo de alternativa à civilização industrial, o *único* exemplo capaz de se livrar do campo gravitacional da civilização industrial. Porém, logo no início da década de 1990, Furtado já não se mostrava confiante quanto a essa alternativa chinesa. Em Furtado (1992), apontará alguns casos – *desvios*, em suas próprias palavras – que lograram “apenas” a proeza da superação do subdesenvolvimento (China, Taiwan e Coréia do Sul), mas não de representarem vias alternativas à civilização industrial, o que corrobora os argumentos que estamos apresentando.

## XXIX ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA

se ‘mudar de rumo’, como repete Furtado em vários momentos. Deve-se estar “Em busca de novo modelo” (título de seu último livro). Para isso, uma nova visão de mundo se faz inevitável (dimensão positiva). Uma visão de mundo cuja *finalidade* se encontre na construção do verdadeiramente humano, capaz de realizar suas capacidades criadoras plenamente (e autotransformar-se), em benefício do bem-estar de toda a coletividade humana. O papel da acumulação, aqui, será de *meio*, mero suporte.

Uma coisa, portanto, é a superação (ou mitigação) da dependência – como reação aos condicionamentos impostos pela permanente difusão da civilização industrial. Outra coisa é, o que fazer após essa superação? Ou melhor, em primeiro lugar, o que significa essa superação? Ambas as perguntas, como comentado nos dois últimos parágrafos, vislumbram duas possibilidades: manter-se no quadro da civilização industrial (com suas consequências lógicas, particularmente em termos de insustentabilidade ambiental, além das questões de reprodução das desigualdades sociais, do apagamento cultural, *desumanização* etc.); ou transitar para uma forma alternativa de sociabilidade (fora do quadro da civilização industrial). A primeira via, tem dado mostras constantes de sua insustentabilidade. A segunda, é uma incógnita.

Neste ponto, queremos chamar atenção de que em todos os livros aqui selecionados (a partir de 1978), apresentados no Quadro 1 a seguir, Furtado trabalha com essas duas dimensões da ideia de liberdade, propondo, de um lado (sentido negativo), a ultrapassagem do subdesenvolvimento e, de outro (sentido positivo), a imperiosa ‘mudança de rumo’ através da liberação de toda capacidade criadora humana para além do que fica restrito à lógica movente da civilização industrial.

Nessa perspectiva, é possível identificar em várias obras de Furtado, a partir de 1978, uma forma de (uma forma de estruturar a) disposição das partes componentes de cada uma dessas obras. O Quadro 1 apresenta de forma sintética essa estruturação que consideramos ser muito semelhante em cada uma dessas obras do autor. E nos importa enfatizar que essa semelhança não é por mera coincidência. Porque, vejamos, a partir da obra de 1978 Furtado não somente aprofunda ainda mais sua compreensão do impasse do subdesenvolvimento, como também – em um mesmo grau de importância ou ainda mais importante – vai além, fazendo fortes críticas à civilização industrial e, subsequentemente, desvelando o impasse em que se encontra essa mesma civilização como um todo. Sob esse ponto de vista, reiteramos que a partir de 1978 Furtado se ocupa em pensar não apenas a superação do subdesenvolvimento, mas também a superação da própria lógica que sustenta a civilização industrial, apontando para a liberação da criatividade humana integral (não apenas a que se submete à racionalidade instrumental). Não por acaso ele faz menção reiteradamente – para além da necessidade de suplantação do subdesenvolvimento – à necessidade, cada vez mais premente, de ‘mudar de rumo’, de encontrarmos um ‘modelo’ alternativo ao da civilização industrial, a imprescindibilidade de um desenvolvimento que tenha como fim último a plenitude humana

## XXIX ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA

(associada à racionalidade substantiva), e que o processo de acumulação seja visto (nova visão de mundo) apenas como um meio para se alcançar aquela finalidade. Uma acumulação não mais submetida à lógica da racionalidade instrumental e que, portanto, preserve nosso patrimônio natural comum (bens naturais não-renováveis) e a capacidade criativa multidimensional do ser humano (patrimônio cultural). Patrimônios da humanidade.

Assim sendo, observamos que a forma como Furtado organiza as partes (representadas por determinados capítulos) de suas obras, aparece sempre, em partes definidas, separadas, as reflexões acerca da superação do subdesenvolvimento, e, imperiosamente, as reflexões em busca de uma alternativa à visão de mundo subjacente à racionalidade instrumental que permeia toda a civilização industrial.<sup>18</sup> Contudo, antes da exposição dessas duas partes<sup>19</sup> fundamentais, Furtado reitera a fidelidade a seu método (histórico-estrutural) de sempre iniciar, nas primeiras partes de cada obra,<sup>20</sup> chamando atenção sobre “as condições em que se encontram o mundo real” (acerca da ordem global do sistema econômico mundial contemporâneo a cada obra) e como essas condições afetam a realidade do subdesenvolvimento – entendido esse, e sempre reiterado pelo método de análise e exposição de nosso autor, como resultante da difusão histórica (sempre contínua) da civilização industrial (e do progresso técnico que a sustenta), no sentido do centro para a periferia, conforme exposto pelo autor – e destacamos anteriormente – desde seu livro de 1961.

Essa forma de estruturação das partes constitutivas das obras do autor, englobando a parte em que se provoca a discussão acerca de uma alternativa à civilização industrial, não a identificamos em obras anteriores a 1978. Sabe-se que o autor jamais deixou de buscar uma saída para a superação do subdesenvolvimento, mas, ao mesmo tempo, a partir de 1978, com essa forma de estruturar, de organizar cada livro, ele deixa claro não ser suficiente apenas libertar-se das amarras do subdesenvolvimento. Faz-se necessário, urgentemente, usar a inteligência para pensar alternativas de como mudar o rumo do desenvolvimento, inverter a lógica dos *meios*, em direção a uma lógica dos *fins*, dos *valores* humanos mais nobres.

Essa forma de dispor as partes de cada um dos livros indicados no Quadro 1, reiterando – em cada livro que sucede a outro cronologicamente – a preocupação do autor com as duas referidas tarefas históricas de superação,<sup>21</sup> de um lado, e com o esforço de incentivar a mobilização de mentes que se ocupem em pensar como construir um novo modelo, de outro, faz com que ele, por exemplo,

---

<sup>18</sup> Há autores que também perceberam que Furtado passa a pensar em um ‘novo tipo’ de (ou um verdadeiro) desenvolvimento – a outra dimensão das inquietações do autor, que aqui estamos dando destaque central. Por exemplo, Wasques *et al.* (2019) desenvolveram bem essa questão, embora numa outra abordagem, estritamente centrada na questão ambiental. Avila (2024), por seu lado, finaliza seu estudo também apontando, embora de forma incipiente, para essa outra dimensão.

<sup>19</sup> Representado pelas partes 3 e 4 do Quadro 1.

<sup>20</sup> Representado pelas partes 1 e 2 do Quadro 1.

<sup>21</sup> Superação do subdesenvolvimento e superação da civilização industrial.

reproduza de maneira exata o capítulo 4 do seu livro de 1992 no capítulo 6 de seu livro de 1998. Nesse capítulo (publicado, portanto, duas vezes, no início e no final da década de 1990) está exposta de maneira inequívoca a preocupação do autor de se buscar uma alternativa (uma ‘mudança de rumo’)<sup>22</sup> para a civilização industrial. Ao reproduzir o mesmo capítulo em 1998 demonstra sua convicção na necessidade de buscar formas de ‘mudar de rota’. Assim como também (outro exemplo), já no entardecer de sua vida, em seu último livro (2002) – no qual está, além de destacado logo no título da obra, “em busca de novo modelo” – ele retoma no capítulo 4 concepções expostas (de forma quase idêntica) no capítulo 5 do livro de 1978 acerca da civilização industrial,<sup>23</sup> porém, dando destaque à sua visão crítica a esse tipo de civilização (e à necessidade de ‘mudança de rumo’), o que, mais uma vez, reforça a percepção da sustentação daquela convicção até o final de sua vida.

Com essas reproduções literais, as vezes totais, as vezes parciais, de partes de textos anteriores, Furtado reitera, portanto, sua convicção na necessidade crucial de fazer um esforço teórico para construir caminhos para a ‘mudança de rota’. Convicção, porém, importa ressaltar, de que o problema não é só de ameaça – decorrente da lógica imanente ao funcionamento da civilização industrial – à humanidade em virtude da crise ambiental. Mas, também, sobretudo, de ameaça à humanidade no que há de mais característico no ser humano, em virtude da dominância da racionalidade instrumental que transmuta o ser humano em autômato<sup>24</sup> e viciado em uma única dimensão da criatividade. Atualizando esse pensamento de Furtado, trata-se de uma forma de criatividade que ameaça literalmente substituir a própria humanidade por robôs com inteligência artificial – em 1978, perspicazmente, Furtado já prenunciava esse tipo de ameaça:

A incapacidade do homem de simplesmente entender o que criou constitui a manifestação mais **dramática** de sua alienação, no sentido de **perda de identidade**. Exemplos **terrificantes** desse extravio, obnubilação da consciência crítica, nos vêm das aplicações das técnicas de computação, que têm gerado problemas que o homem não tem condições de solucionar. O grande *black-out* ocorrido no Estado de Nova Iorque em 1965 constituiu a esse respeito uma advertência. Pelo fato de que os computadores *solucionam* certos problemas com velocidade infinitamente maior do que o homem seria capaz de fazê-lo, ocorre que, operando em sistemas que não são rigorosamente fechados, eles podem *criar* problemas que o homem não tem possibilidade de *resolver* com a

---

<sup>22</sup> “(...) não deixam aos povos escapatória para sobreviver fora da cooperação. E o caminho dessa cooperação passa pela *mudança de rumo* de uma civilização dominada pela lógica dos meios, em que a acumulação a tudo se sobrepõe” (Furtado, 1992, p. 78-79; 1998, p. 66; itálico nosso). “Essa *mudança de rumo*, no que nos concerne, exige que abandonemos muitas ilusões...” (Furtado, 1992, p. 79; 1998, p. 67; itálico nosso).

<sup>23</sup> O título do capítulo 5 do livro de 1978 é “Acumulação e criatividade” e o do capítulo 4 do livro de 2002 é “As duas vertentes da civilização industrial”, ou seja, dois títulos que expressam a mesma coisa. O capítulo 4 de 2002 é nitidamente uma espécie de síntese do capítulo 5 de 1978. Mas o que nos interessa chamar à atenção é que, em sua obra de final de vida, o autor retoma o cerne da sua obra de 1978, de que a humanidade está submetida a um modelo de civilização guiada por uma rígida espécie de *criatividade* voltada única e exclusivamente para a finalidade última da *acumulação*, e que isso pode ser catastrófico. Daí sua reiteração, no capítulo seguinte, capítulo 5, em voltar a insistir na ‘mudança de rumo’, asseverando acerca de “...uma *catástrofe* planetária que parece inevitável *se não se mudar o curso* desta civilização” (Furtado, 2002, cap. 5, p. 78; itálicos nossos).

<sup>24</sup> “Aonde o levará a civilização que o transforma em robô? Que formas assumirá sua última resistência? Haverá uma nova civilização, ou apenas a prolongação da atual sob formas degradadas?” (Furtado, 1978, p. 167)

## XXIX ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA

velocidade requerida para evitar uma **escalada catastrófica** de decisões em **direção imprevista.**” (Furtado, 1978, p. 165; itálicos no original; negritos nossos)

Furtado sustenta sua convicção de que somente haverá futuro para a humanidade se houver a proteção, conjunta, ao patrimônio natural e ao patrimônio cultural (verdadeiros irmãos siameses). Ousamos ponderar, contudo, sob a luz dessas reflexões de Furtado, que não haverá solução apenas para o lado que concerne ao problema ambiental (patrimônio natural). Se a humanidade não recuperar a racionalidade substantiva, dos *fins*, dos *valores* humanos mais nobres, da visão de mundo cooperativo, como sairemos do impasse da crise ambiental? Portanto, não adianta correr contra o tempo apenas para minorar os efeitos da crise ambiental sem uma ‘mudança de rumo’ no cerne da civilização industrial que reside no móvel de uma *visão de mundo*<sup>25</sup> guiada pela racionalidade instrumental a serviço incondicional da acumulação de capital como fim último ao qual tudo deve se submeter,<sup>26</sup> e que tende a gerar mais e mais condições para aprofundar aquela mesma crise.

Nesse sentido, da mesma forma que se faz imprescindível interpelar “liberdade para quê?” (idêntico a “superar a dependência/subdesenvolvimento para quê?”), há que se indagar: “minorar a crise ambiental para quê?”, para dar continuidade à lógica de acumulação incitativa do consumismo desenfreado da civilização industrial?

Sobre esse último ponto, finalizando nossas argumentações, convém notar, entretanto, que em suas duras críticas à civilização industrial,<sup>27</sup> Furtado tece, no último capítulo da obra de 1978, reflexões acerca de formas de ameaças à vida humana (*desumanização* ou, no limite, extinção) – decorrentes da ‘lógica dessa civilização’ – que não se restringem à crise ambiental. Furtado demonstra, por exemplo, profunda preocupação com a escalada do armamentismo nuclear,<sup>28</sup> com o aumento das doenças mentais,<sup>29</sup> com o apequenamento da arte,<sup>30</sup> com as ameaças imprevisíveis sobre a vida humana decorrente da perda de controle sobre as potencialidades dos computadores.<sup>31</sup>

---

<sup>25</sup> “Se vamos um pouco mais longe, logo percebemos que o problema não está propriamente na ciência e na tecnologia e sim na *visão de mundo* que domina uma civilização, contexto que condiciona a criatividade do homem.” (Furtado, 1978, p. 170; itálico nosso)

<sup>26</sup> “O que interessa frisar é que a racionalidade instrumental passa a ser o cerne da prática social” (Furtado, 2002, p. 58)

<sup>27</sup> Já fizemos referências a algumas delas anteriormente. A propósito, ver p. 9.

<sup>28</sup> “Pouca dúvida pode haver de que, na era nuclear, essa carreira é a prova suprema da *insanidade inerente a nossa civilização*. (...) Como em muitos outros casos, o problema deriva em última instância de que *a lógica da acumulação se sobrepõe a tudo mais*” (Furtado, 1978, p. 167; itálicos nossos).

<sup>29</sup> “Tem-se comprovado, por exemplo, que em países de elevado nível de renda e maior diversidade aparente das formas de consumo, cerca de uma quarta parte da população requer assistência médica psiquiátrica. Tudo indica que uma fração crescente da população estará constituída de indivíduos com distúrbios mentais ou dedicados, direta ou indiretamente, ao cuidado destes” (Furtado, 1978, p. 173-174).

<sup>30</sup> “A criatividade artística – expressão da liberdade em uma de suas formas mais nobres – transforma-se em instrumento de ativação do processo de acumulação” (Furtado, 1978, p. 164). “A *arte pobre*, a *arte mínima*, o *collage*, os *ready-made* de Marcel Duchamp são a manifestação de uma revolta contra a sacralização dos objetos de arte para fins de *marketing*” (Furtado, 1978, p. 175; itálicos no original).

<sup>31</sup> Vide a citação de (Furtado, 1978, p. 165), na p. 15-16.

## XXIX ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA

**Quadro 1:** Forma de organização das partes componentes de algumas obras de Celso Furtado, a partir de 1978.

Livro	<u>Parte 1</u> (Quais são as condições do mundo real)	<u>Parte 2</u> (A conformação histórica das estruturas da civilização industrial)	<u>Parte 3</u> (Os desafios da superação / liberação da dependência e do subdesenvolvimento)	<u>Parte 4</u> (A mudança de rumo, o novo modelo alternativo à civilização industrial)
<b>Criatividade e Dependência na civilização industrial (1978)</b>	Descrição de como se encontra a economia mundial (que se globaliza) naquele momento (cap. 1)	Exposição do processo histórico de como emerge e se difunde a civilização industrial (caps 2 e 3) e os resultados sobre os processos de (sub)desenvolvimento, acumulação e criatividade (caps 4 e 5)	Análise da configuração global da civilização industrial e a extrema complexidade e dificuldade que é a superação da dependência / subdesenvolvimento (cap. 6);  adiciona um ‘ensaio de visão retrospectiva’ (cap. 7)	Nesta última parte (cap. 8), o autor inaugura sua visão do “outro passo” a ser dado, posterior à superação da dependência / subdesenvolvimento. Ou seja, a necessidade de “mudança de rumo”
<b>Brasil: a construção interrompida (1992)</b>	Descrição de como se encontra a economia mundial na nova fase da globalização e a relação com o Brasil (cap. 1)	Retoma a idéia de expansão do progresso técnico a partir do centro, recriando continuamente o subdesenvolvimento; a relação entre este e a modernização (cap. 2)	A superação do subdesenvolvimento e da pobreza (final do cap. 2);  Análise de mudanças significativas na relação centro-periferia (cap. 3)	Apresenta uma ‘nova concepção de desenvolvimento’, para além da superação do subdesenvolvimento, ou seja, exige-se uma “mudança de rumo” (cap. 4)
<b>O Capitalismo Global (1998)</b>	Os caps. 1, 2 e 3 contêm de forma mesclada os temas dessas duas partes do livro, ou seja, congruente às duas primeiras partes dos demais livros indicados neste Quadro.		Os caps. 4 e 5 tratam da teoria do subdesenvolvimento e da superação deste.	O cap. 6 é uma cópia exata do cap. 4 do livro de 1992, indicando que o autor mantém a mesma compreensão da necessidade de “mudança de rumo”, ou seja, não apenas de superar o subdesenvolvimento; a dimensão cultural desse desafio (cap. 7)
<b>Em busca de novo modelo (2002)</b>	Os caps de 1 a 3 apresentam a situação do Brasil e o contexto da globalização.	O cap. 4 retoma concepções expostas no livro de 1978 acerca da formação histórica da civilização industrial, destacando especialmente as críticas do autor a essa civilização.	O cap. 5 retoma a ideia da teoria do subdesenvolvimento e da sua superação, mas alertando para a necessidade imprescindível de “mudança de rumo” para evitar a “ameaça à própria sobrevivência da humanidade”, enquanto espécie e enquanto ser de capacidade plena de criatividade.	

Fonte: Furtado (1978, 1992, 1998, 2002). Elaboração própria.

### 5. Considerações finais

Em termos gerais, procuramos situar as reflexões que aqui expusemos no quadro da problemática de uma civilização (industrial) que, em decorrência de sua lógica interna de funcionamento, gera graves contradições que, em múltiplas dimensões, ameaçam a vida humana. Furtado, em praticamente todos os seus textos, não cansa de lembrar que a forma como se estruturou a civilização industrial global criou o subdesenvolvimento e as condições estruturais para continuar

recriando-o ao longo do tempo. Porém, até os anos 1960, Furtado ainda acreditava na regulação dos Estados Nacionais e, portanto, na capacidade dessa instituição, assim como também da classe trabalhadora, de influenciar na construção permanente do desenvolvimento (particularmente, no centro do sistema).

Acontece que ao longo da década de 1970 Furtado percebeu que as transformações em curso no capitalismo mundial caminhavam no sentido de perda de protagonismo dos Estados Nacionais e, conseqüentemente, de enfraquecimento da classe trabalhadora. Ele passará a apresentar esses indícios que o levarão a questionar a ideia de desenvolvimento, não apenas do ponto de vista da periferia, mas também do próprio centro do sistema. A ideia de um tipo de desenvolvimento que incita permanente aumento de consumismo e sua diversificação e, por isso, implica, além de outros problemas, na escalada da crise ambiental com risco de catástrofe humanitária. Mas, além disso, procuramos enfatizar que no centro das perplexidades com as quais se debate Furtado, notadamente a partir de 1978, está sua percepção clara de que tal desenvolvimento, nos marcos da civilização industrial, *desumaniza* o ser humano a ponto de ameaçá-lo também por esta via. Trata-se de uma sociedade em que os seres humanos são tratados como mera massa de recursos produtivos, além de meros consumidores, com atrofia das potencialidades que lhes são inerentes, passíveis de serem substituídos por máquinas “inteligentes”.

Voltando às indagações postas na introdução, pensamos ter demonstrado que o objetivo último da construção teórica de Furtado sobre o subdesenvolvimento ultrapassou a questão da sua superação. E, com relação à questão de descrever Furtado como reformista, também consideramos ter apresentado argumentos razoáveis para discordar dessa sua suposta característica. Ainda sobre esse ponto, concordamos com a análise de Sampaio Jr de que Furtado jamais desiste de insistir na “viabilidade de uma solução para o impasse do subdesenvolvimento nos marcos do regime capitalista” (Sampaio Jr, 2008, p. 70). Contudo, entendemos que essa insistência de Furtado não se deve ao fato dele ser reformista, como afirma Sampaio Jr, mas sim em virtude de seu diagnóstico em relação às possibilidades do subdesenvolvimento. Ou seja, mencionamos nas páginas anteriores que Furtado não vê a viabilidade da luta contra as amarras do subdesenvolvimento fora da ordem, fora do campo gravitacional da civilização industrial.<sup>32</sup> Portanto, a solução para a superação do subdesenvolvimento, para Furtado, inevitavelmente deve ocorrer “nos marcos do regime capitalista”.

Diante dessa perspectiva, entendemos que essa concepção de Furtado não se deve a um suposto reformismo, mas a um diagnóstico profundo feito por um pensador de fina compreensão

---

<sup>32</sup> O capítulo 6 da obra de 1978 trata longamente dessa visão de Furtado. Um das afirmações do autor: “...a luta contra a dependência está em avançar pela via das relações internacionais (e conseguir alterá-las qualitativamente) e não em recuar e isolar-se. Para a quase totalidade dos países periféricos, já não existe a possibilidade de escapar ao campo gravitacional da civilização industrial; *portanto, é no quadro desta* que se dará a luta contra a dependência” (Furtado, 1978, p. 114; *itálico nosso*)

## XXIX ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA

acerca das engrenagens de um sistema cujos polos são (e tendem a permanecer) intrinsecamente assimétricos. Entretanto, neste artigo procuramos enfatizar que, a partir dos anos 1970, especialmente a partir da obra, particularmente, de 1978, Furtado não se contenta apenas com a possibilidade de eliminar o subdesenvolvimento, mas apontar para a necessidade inescapável de ‘mudar de rumo’, ou seja, de reunir forças para construir uma alternativa ao modelo da denominada civilização industrial.

Em 1974, a ênfase recai na questão da crise ambiental que já estava se antevendo e que punha em xeque o tipo de desenvolvimento próprio da civilização industrial e desvelava de vez a impossibilidade do subdesenvolvimento alcançar tal desenvolvimento.

Em 1978, enfatizamos que o destaque repousa na busca do autor por uma visão global do desenvolvimento, uma visão que incorpore também uma filosofia antropológica, os valores humanos associados à capacidade inovativa do ser humano que foram esvaziados pela supremacia da racionalidade dos *meios* inerente à civilização industrial.

Entendemos que essas novas perspectivas de Furtado, a partir de 1978, recorrentemente reiteradas até seu último livro – conforme procuramos demonstrar – não permitem apontá-lo como reformista. Propor uma nova visão de mundo e mudança de rumo, alternativa à civilização estabelecida, não parece combinar com reformismo. Nas palavras do próprio autor:

Em uma civilização em que tudo está submetido à lógica dos meios, pode haver mensagem mais *revolucionária* do que a ideia de fundir o criar com o viver? (Furtado, 1978, p. 176; itálico nosso)

### Referências Bibliográficas

AVILA, M. F. F. A compreensão do subdesenvolvimento furtadiano a partir do debate da estagnação dos anos 1960. *Dissertação* (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, 2024.

FURTADO, C. *Em busca de novo modelo: reflexões sobre a crise contemporânea*. São Paulo: Paz e Terra. 2002.

FURTADO, C. *O Capitalismo Global*. São Paulo: Paz e Terra. 1998.

FURTADO, C. *Brasil: a construção interrompida*. São Paulo: Paz e Terra. 1992.

FURTADO, C. *Criatividade e Dependência na civilização Industrial*. São Paulo: Paz e Terra. 1978.

FURTADO, C. *Introdução ao Desenvolvimento: enfoque histórico-estrutural*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2000.

FURTADO, C. *O mito do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra. 1983 [1974].

FURTADO, C. *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura. 1961.

FURTADO, C. *Dialética do desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura. 1964.

## XXIX ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA

MEADOWS, D. H.; MEADOWS, D. L.; RANDERS, J.; BEHRENS III, W. W. *The Limits to Growth: a report for the Club of Rome's Project on the predicament of mankind*. New York: Universe Books, 1972.

SAMPAIO Jr, P. A. Furtado e os limites da razão burguesa na periferia do capitalismo. Uberlândia, MG, IERI/UFU, *Economia Ensaios*, v. 22, n. 2, p. 69-98, 2008.

WASQUES, R. N.; SANTOS Jr., W. L.; BRANDÃO, D.D. As ideias de Celso Furtado sobre a questão ambiental. Campinas, SP, *Leituras de Economia Política*, (28), p. 41-58, jan./jun. 2019.